





A Teoria da Sexualidade de Richard von Krafft-Ebing e a criação do termo pedofilia

Richard von Krafft-Ebing's Sexual Theory and the creation of the term pedophilia

Anna Rita Maciel Simião

 <https://orcid.org/0000-0001-6752-6750>

Richard Theisen Simanke

 <https://orcid.org/0000-0002-6405-8776>

Universidade Federal de Juiz de Fora
Brasil

Resumo

O presente artigo, no campo da história da psicologia, analisa a criação do conceito de pedofilia na teoria sexual de Richard von Krafft-Ebing, psiquiatra e figura pioneira da abordagem médico-patológica da sexualidade no século XIX. Apresentado pela primeira vez como uma perversão sexual, em 1896, o termo pedofilia foi adicionado a *Psychopathia Sexualis*, obra magna do autor, passando por várias reformulações ao longo dos anos. O presente estudo irá retomar a história do conceito para analisar a criação dele, analisar suas reformulações teóricas mais relevantes ao longo das diversas edições dos textos do autor e abordar as primeiras reações dos contemporâneos do autor em relação à criação do termo. Por fim, nas conclusões, o estudo discute de que maneira as bases teóricas e metodológicas usadas por Krafft-Ebing para a criação do conceito continuam influenciando na abordagem dos estudos em teoria da sexualidade nos séculos seguintes.

Palavras-chaves: Krafft-Ebing; pedofilia; *Paedophilia erotica*; perversões sexuais; história da psicologia.

Abstract

This paper, in the field of the history of psychology, analyzes the creation of the concept of pedophilia in Richard von Krafft-Ebing's sexual theory. Krafft-Ebing was a psychiatrist and pioneer figure of the medical-pathological approach to sexuality in the 19th century. First presented as a sexual perversion in 1896, the term pedophilia was added to *Psychopathia Sexualis*, the author's magnum opus, undergoing several reformulations over the years. This study will resume the concept to analyze its creation, analyze its most relevant theoretical reformulations throughout the various editions of the author's texts and address the first reactions of the author's contemporaries in relation to the creation of the term. Finally, in the conclusions, the study discusses how the theoretical and methodological bases used by Krafft-Ebing to create the concept still influence the approach to studies in the theory of sexuality in the following centuries.

Keywords: Krafft-Ebing; pedophilia; *Paedophilia erotica*; sexual perversions; history of psychology.

A *Psychopathia Sexualis*, obra de 1886 escrita pelo psiquiatra Richard von Krafft-Ebing, é considerada, em termos históricos, o estudo mais relevante sobre psicopatologia a detalhar sistematicamente as perversões sexuais estudadas até aquele momento, nomeando as classes em que se incluíam e apresentando critérios para diagnósticos a serem feitos por psiquiatras nas cortes judiciais (Pereira, 2009).



A boa recepção do livro tornou Krafft-Ebing responsável por articular uma nova perspectiva para o estudo da sexualidade em geral, que até os dias de hoje tem reverberações no entendimento contemporâneo sobre sexualidade. As teorizações de Krafft-Ebing, e principalmente, as denominações e sintomatologias criadas por ele – tais como sadismo, masoquismo, zoofilia e suas inúmeras manifestações clínicas – permanecem até os dias de hoje, tanto na construção da noção de manuais de diagnósticos psiquiátricos, quanto no imaginário popular sobre a sexualidade (Oosterhuis, 2002, 2012).

Dentre as muitas perversões da *Psychopathia Sexualis*, este artigo toma como objeto de estudo o conceito de *pedofilia* e sua abordagem na teoria sexual de Krafft-Ebing. O estudo, no campo da história da psicologia pretende retomar a história do conceito para demonstrar como a *Paedophilia Erotica* (nomenclatura em latim do termo) se transformou teoricamente, partindo de uma definição de ato criminoso de sedução de menores sob tutela – uma ação criminosa descolada do componente patológico da sexualidade – para designar uma manifestação complexa e hedionda do instinto sexual pervertido nos seres humanos.

O artigo foi estruturado da seguinte maneira: A primeira parte, para contextualização temporal e teórica, apresenta uma discussão de introdução sobre estudos da ciência da sexualidade anterior a Krafft-Ebing, seguida por uma breve apresentação da teoria geral de Krafft-Ebing sobre as psicopatias sexuais. O artigo então discorre sobre a criação do termo pedofilia no artigo *Ueber Unzucht mit Kindern und Pädophilia erotica* de 1896 e depois, sua inclusão na *Psychopathia Sexualis* e mudanças teóricas advindas daí, inclusive a relação do conceito com as quatro patologias gerais principais da *P. Sexualis* – a saber, sadismo, masoquismo, homossexualidade e fetichismo. Finalmente, como ponto de chegada do percurso aqui delineado, o artigo abordará brevemente a recepção das discussões de Krafft-Ebing nos primeiros anos após a criação do termo e as possíveis implicações que a metodologia de Krafft-Ebing para criar seus conceitos pode ter trazido para a compreensão dele na teoria da sexualidade.

As obras aqui utilizadas foram consultadas nas bibliotecas da Universidade de Durham (Reino Unido). A *Psychopathia* teve muitas edições e Krafft-Ebing foi um autor muito prolífico. Para compor esse artigo foram selecionadas as edições da *P. Sexualis* com as alterações mais relevantes para o tema pedofilia, bem como os textos fora da obra que tratam do conceito. Algumas traduções em inglês da *Psychopathia*, principalmente da edição de 1894, são achadas na internet, mas o presente estudo procurou preservar ao máximo possível a estruturação original dos textos, por essa razão as obras em idioma original foram priorizadas. Quando relevante, as obras em idioma original foram confrontadas com alguma nota dos tradutores – usadas principalmente nas traduções de língua inglesa. Traziam algumas elucidções sobre a escolha de tradução de determinados termos e referências



bibliográficas que K.Ebing não deixava tão claras. As passagens em latim, muito presentes principalmente na *Psychopathia*, não sofreram alterações entre as edições, pois os tradutores não traduziam essa porção das obras, visto que era uma vontade de Krafft-Ebing usar esse idioma para as partes do livro que ele julgava mais chocante (Krafft-Ebing, 1894). Seguindo essa tendência as nomenclaturas em latim foram mantidas e o termo *Paedophilia Erotica* é usado como sinônimo para pedofilia.

Uma ciência da sexualidade

A psiquiatria do final do século XIX foi marcada por um foco exacerbado em discussões sobre as perversões sexuais e as cortes de justiça. Diversos manuais centraram os estudos em identificar, diagnosticar e quando possível, amenizar, as maneiras pelas quais a sexualidade poderia desviar daquela do coito com o sexo oposto. A partir de tal premissa, as possibilidades de atos sexuais desviantes eram incontáveis e centenas de tipos de perversões sexuais foram criadas.

A presença de elaborações sobre as manifestações sexuais, contudo, vinha de muito antes do século XIX. Hare (1962) aponta que autores da antiguidade já traziam em seus textos médicos os males físicos que o engajamento exacerbado em qualquer atividade sexual poderia causar, mas sem nenhuma teorização aprofundada sobre quais seriam de fato esses malefícios ou uma definição do que seria um engajamento exacerbado. Nos séculos seguintes, essa tendência teria seguido com o reconhecimento e estudo de alguns comportamentos sexuais menos benéficos, tais como a fornicação, sodomia e adultério.

A partir do século XVIII, com a emergência de discursos moralistas-teológicos, a masturbação – e seu sinônimo e variação *onanismo* – passou a ocupar um papel mais destacado nas elaborações sobre os perigos da sexualidade. Depois de 1716, com a publicação do livro *Onania: or, the heinous sin of self-pollution and all its frightful consequences*, escrito por um autor anônimo, a masturbação passou a dominar os primeiros estudos sobre os males que o engajamento sexual exacerbado poderia causar (Stolberg, 2000). A partir desse ponto, os discursos antionanistas se estenderam por aproximadamente mais 150 anos, como parte do debate médico sobre quais seriam pré-requisitos e causas das doenças psíquicas (Lütkehaus, 1992; Van Ussel, 1970/1977). Os discursos antionanistas, em sua maioria, partiam de bases que ainda misturavam as tendências entre uma tradição mais ligada à teologia e outras correntes de pensamento emergentes, que tentavam pautar seus argumentos em termos mais científicos, formando um complexo caminho teórico para que a totalidade da ideia sobre as *psychopathia sexualis* surgisse¹.

¹ A discussão sobre a razão pela qual a masturbação, entre todos os comportamentos apontados naquela época como nocivos, ganhou tanto destaque é muito extensa para ser tratada nesse artigo.



Uma dessas ideias era a de que existiria uma Lei da Natureza – num primeiro momento uma lei que ainda tinha resquícios de uma designação divina, mas, principalmente posteriormente, biológica e natural – organizando a vida física, psíquica e social dos seres. Essa Lei da Natureza teria dotado as espécies com a vontade sexual, ou o instinto sexual, para que os seres se unissem através do ato sexual e gerassem prole para carregar a memória e o legado. Essa noção carregava a ideia do instinto sexual e do próprio ato sexual como manifestações gregárias, criadas pela Natureza para serem desfrutadas com o par de mesma espécie e do sexo oposto, almejando o bem maior para os seres: a continuação da vida na Terra através da prole. O próprio prazer físico da união sexual seria o modo como as leis naturais biológicas gratificariam os seres, pois a relação sexual beneficiaria toda a espécie, portanto, o instinto sexual seria uma instância de caráter altruísta (Maudsley, 1867). Nesse contexto, para uma expressão saudável do sexo, seria necessário o envolvimento de outra pessoa de sexo oposto. Atos solitários e egoístas, que muito dificilmente resultariam em prole e, na maior parte dos casos, constituídos pela ação solitária da masturbação, *perverteriam o instinto sexual* de sua finalidade natural altruísta. Dessa maneira, atos sexuais “desviantes” “antinaturais” e “pervertidos” seriam os atos sexuais que fugissem à suposta finalidade de procriação do instinto sexual.

Ao lado da ideia descrita acima, a noção de gasto exacerbado de *vita sexualis* (ou fluido seminal) compunha outra peça nos caminhos que levaram à ideia de instinto sexual pervertido. Para os teóricos do século XVIII, o corpo humano seria naturalmente constituído por uma quantidade de líquido seminal para ser liberada durante o êxtase sexual. Essa quantidade, após a ejaculação, seria repostada pelo próprio organismo, deixando o organismo no estado natural até o momento de outra relação sexual. O líquido seminal seria importante para a força vital e teria relação com os outros humores do humano, incluindo o sangue, que circularia por todos os órgãos do corpo. Todas as atividades sexuais causariam uma perda de sêmen, mas, como a perda de líquido seminal nas atividades sexuais como o coito seriam naturais e esperadas para a biologia dos seres, se feito com moderação, o organismo estaria preparado para compensar as perdas do coito. Esse quadro não ocorreria com as atividades sexuais não naturais (Tissot, 1756/1769).

Essas ideias colaboraram para a criação da noção de que, mesmo pelas leis da biologia, a vida sexual estaria intrinsecamente relacionada à saúde e ao adoecimento. Se esse adoecimento não fosse do corpo, seria do psiquismo. Sendo assim, a sexualidade, quando desviante, teria potencial para piorar ainda mais a relação

Pode-se citar brevemente o livro *Onania* (Anônimo, 1716/1756) e a obra de Tissot (1756/1769). As explicações de ambos variavam, mas o componente da masturbação como um ato sexual completamente solitário, como um ato extremamente fácil de ser repetido, que poderia começar muito cedo, ser mais fácil de ser escondido e de não haver legislações contra ele, se repetem com mais frequência nos dois livros.



entre organismo saudável e vida sexual.

Em 1826 o médico Joseph Haüssler publica o livro *Ueber die Beziehungen des Sexualsystemes zur Psyche überhaupt und zum Cretinismus ins Besondere* para tentar explicar a relação entre a sexualidade e o adoecimento. Partindo de um pressuposto inspirado na teoria humoral de Hipócrates e firme no discurso contra o onanismo, para o autor, mente e corpo seriam baseados no mesmo vigor orgânico. Os órgãos sexuais, muito próximos do cordão espinhal, poderiam refletir os males do sistema nervoso a nível físico e, conseqüentemente, essa reflexão teria manifestações psíquicas, pois o vigor orgânico em desequilíbrio afetaria ambos da mesma maneira. Nessa obra, Haüssler (1826) alega que seria de conhecimento científico que “desvios da normalidade dos órgãos sexuais e de suas funções podem produzir doenças mentais (...)” (p. 3). Para o autor, os excessos sexuais e a satisfação do instinto sexual de forma ilegal debilitariam toda a organização do organismo. Quanto menor fossem as habilidades mentais de um indivíduo, maior seriam os desejos sexuais e a tendência de satisfazer esses desejos de maneira abusiva.

Em 1844, o médico Heinrich Kaan escreve a *Psychopathia Sexualis*. Com forte discurso antionanista, enfatizando a debilitação do organismo causada por hábitos sexuais ditos imorais e com ideias sobre os malefícios que qualquer excesso de engajamento sexual poderia causar, o médico dá um passo maior na relação entre adoecimento e sexualidade, mostrando que o instinto sexual também poderia ser adoecido ou adoecer, revelando diversas facetas mais perigosas e criminosas que o instinto sexual poderia assumir uma vez que ele fosse pervertido em sua finalidade de sexo com o par do sexo oposto. Ele nomeia essas facetas de psicopatias sexuais (sinônimos para perversões sexuais).

Kaan (1844) argumenta que de todos os instintos de função biológica humana, o instinto sexual seria o que mais teria relações com outros componentes físicos e mentais do organismo, por isso, mais do que todos os outros instintos, o instinto sexual seria passível de apresentar os mais variados desvios na norma (em relação a se afastar de sua finalidade de procriação) e na qualidade (em relação a ter como alvo outros objetos além do par do sexo oposto). Essas manifestações seriam variadas e, em suas facetas mais perigosas, se apresentariam como constantes para substituir o coito e a procriação.

Kaan (1844, p. 46) acredita que a razão pela qual os seres humanos (mesmo que estudados e em pleno conhecimento das leis) poderiam sucumbir a atos condenáveis como os descritos acima consistiria numa fantasia sexual doentia e prematura que causaria um desejo anormal. Essa fantasia poderia ser denominada como *fantasia mórbida*. As prováveis causas da fantasia mórbida seriam os estados degenerativos mentais, morais e físicos do organismo das pessoas afetadas, unidos aos maus hábitos e condições sociais. Kaan enfatiza sistematicamente ao longo de seu livro o caso do onanismo, o mau hábito primordial a agravar as psicopatias



sexuais.

Em todas essas perversões sexuais, no momento que o instinto sexual fosse acionado pelo processo biológico para buscar a satisfação, prevaleceria a fantasia morbidamente excitada que ofuscaria o raciocínio e os bons costumes aprendidos: “Assim a fantasia prepara o caminho em todas as aberrações do impulso sexual, e por ela (a fantasia) ele (o instinto sexual) é realizado contra as leis da Natureza” (Kaan, 1844, p. 47).

No ano de 1886, o renomado médico psiquiatra Richard von Krafft-Ebing lança a sua *Psychopathia Sexualis*. Eclipsando a primeira *Psychopathia Sexualis*, o livro apresentava a noção de Krafft-Ebing sobre as diversas facetas patológicas que a sexualidade humana poderia assumir. Sua publicação fortaleceu o interesse dos médicos da época na criação de manuais de diagnóstico que esmiuçavam casos e teorias sobre a sexualidade humana.

As psicopatias sexuais de Richard von Krafft-Ebing

Antes de apresentar as psicopatias sexuais é necessário ressaltar que Krafft-Ebing, como ele mesmo cita no prefácio desde a primeira edição, tinha uma preocupação em basear sua teoria na ciência e biologia mais que em constructos filosóficos, por isso o darwinismo e a teoria da degeneração de Morel foram dois pilares das teorias das psicopatias sexuais. O entendimento dessas influências clarifica os argumentos de autores da época do lançamento da *Psychopathia* (Geyskens, 2005, p. 25-26). A *Psychopathia Sexualis* apresentava defluência das ideias darwinistas sobre autopreservação e a gratificação sexual como instintos fundamentais humanos (Oosterhuis, 2012, p. 133), na aplicação de teorias da seleção sexual (Sanday, 2015, p. 887), na dependência que atividades mentais sociais superiores, tais como religião, ética e arte teriam do instinto sexual. Krafft-Ebing também usa o conceito de degeneração para explicar que as psicopatias sexuais partiam de condições degenerativas do organismo e psique humana. A visão do autor sobre degenerações era similar ao principal expoente da teoria, o médico Benedict Morel (1857) que, em linhas gerais, tratava a degeneração como uma deterioração progressiva, hereditária, mórbida e irreversível de componentes físicos e mentais nos sujeitos.

Krafft-Ebing (1886, 1894, 1898, 1901) entende o instinto sexual como uma força natural e comum a todas as espécies, de importância similar aos instintos de sobrevivência (por ter ele mesmo um papel na sobrevivência das espécies), que necessitaria constantemente de satisfação, causando processos complexos mentais e físicos para que fosse satisfeito. O instinto sexual dos humanos consistiria em uma faculdade bem mais refinada e complexa que nos outros animais, por isso teria algumas peculiaridades. Tais como o fato de que ao contrário das outras es-



pécies, a evolução, o refinamento das faculdades psicológicas e vida em civilização teriam concedido meios para que os seres humanos conseguissem superar o instinto sexual enquanto vício, podendo ter mais controle sobre momento de seguir ou não a necessidade de satisfação do instinto, sobre a maneira e os locais que os atos seriam satisfeitos e sobre criar ou não um vínculo emocional e social – por exemplo, o casamento – mais profundo com a pessoa escolhida para satisfazer o instinto sexual (Krafft-Ebing, 1894).

Por ser um instinto com uma finalidade definida, Krafft-Ebing parte do pressuposto de que o instinto sexual teria variação no nível e na intensidade ao longo da vida do sujeito. O psiquiatra propõe uma divisão que, fisiologicamente, separa o instinto sexual em dois tipos de potência, cada uma com funções distintas: a *potentia generandi*, potência que propicia a procriação, a continuação da espécie, que duraria até os sessenta e dois anos em um homem e até a menopausa na mulher; a *potentia coeundi*, potência de coabitar, de conseguir manter relações sexuais. Essa potência instintual poderia ser encontrada em pessoas um pouco mais idosas, declinando eventualmente até praticamente desaparecer.

Nos seres humanos o instinto sexual poderia ser pervertido e afastado de seu estado natural. Essas *perversões do instinto sexual ou psicopatias sexuais*, corresponderiam aos quadros nos quais o próprio colorido emocional sobre as ideias sexuais seria degenerado em sua natureza. As ideias sexuais que em pessoas normais causariam desgosto ou nojo, provocariam, nas pessoas acometidas por essas afecções, emoções incontroláveis e excitantes, pervertendo a finalidade primordial do instinto sexual para outros alvos que tornariam mais problemático para o encontro sexual resultar em propagação de uma prole apta, portanto: “Com a oportunidade para a satisfação natural do instinto sexual, toda expressão dele que não corresponda ao propósito da natureza - a propagação - deve ser considerada perversa” (Krafft-Ebing, 1898, p. 53). As causas para as perversões sexuais formariam um complexo quadro no qual as degenerações mentais e morais, hereditariedade mórbida, hábitos nocivos sexuais, tais como a prática do onanismo e condições sociais e culturais teriam um papel a desempenhar.

As perversões do instinto sexual na teoria de Krafft-Ebing são apresentadas em uma estrutura que se dividem entre patologias gerais, mais determinantes como manifestações clínicas e mais incidentes nos casos de perversão, e patologias específicas, menos frequentes e às vezes variações das patologias gerais da sexualidade.

A *Psychopathia Sexualis* apresenta quatro patologias gerais da sexualidade, (a) sadismo, conceito criado por Krafft-Ebing em 1890 e incorporado no texto da *Psychopathia* na edição do ano seguinte, para designar a condição degenerativa que criava uma relação não natural entre a luxúria e a crueldade, tornando esta última o alvo principal do instinto sexual; (b) o masoquismo, a perversão sexual na



qual o instinto teria como objeto sexual a humilhação e sevícia pelo parceiro sexual, também criada em 1890 e incorporada no texto da *P. Sexualis* no ano seguinte; (c) o instinto sexual contrário ou homossexualidade, conceito muito antigo na literatura médica e muito difuso em explicação de causas e nomenclaturas, que designava o instinto sexual que tomaria como objeto sexual parceiros de mesmo sexo e (d) o fetichismo sexual, conceito criado dentro do estudo das religiões, em 1760 por Charles de Brosses que foi transferido para os estudos da sexualidade a partir de 1888 por Alfred Binet e que designava a perversão sexual na qual a atenção sexual seria exclusivamente dispensada para uma característica física do par amoroso ou para objetos diversos.

As perversões sexuais específicas corresponderiam a outros tipos de excitações desviantes que não se enquadravam dentro das patologias gerais. Dentro desse quadro estariam perversões como zoofilia, voyeurismo e o tema desse artigo, a pedofilia.

Krafft-Ebing e a *Paedophilia Erotica*

O termo pedofilia foi cunhado por Krafft-Ebing no ano de 1896 sob a forma de *paedophilia erotica*, no artigo *Ueber Unzucht mit Kindern und Pädophilia erotica*. A discussão sobre o tema apareceu pela primeira vez na *Psychopathia Sexualis* entre a nona e a décima edição, com mudanças no capítulo sobre os crimes sexuais contra menores (Lanteri-Laura, 1979/1994).

Paedophilia era um termo antigo no latim, um barbarismo latino-português para *amor por meninos* ou *apetite sodomita* (Pereira, 1697, p. 464), com provável raiz etimológica da palavra em latim *pedo*, derivada da palavra *pais*, que significava criança ou menino jovem e *philos*, amor ou adoração, com as palavras gregas *philopadia* (adoração por crianças) e *philopaideia* (adoração por meninos jovens) servindo de forma original. Para Krafft-Ebing (1896, p. 269) a *Paedophilia erotica* seria uma disposição mórbida que acometeria algumas pessoas, levando-as a desejar sexo com crianças.

A noção de relações sexuais com pessoas muito mais jovens não era novidade para a literatura. O exemplo mais antigo e aventado era, sem dúvida, a ideia clássica grega de *paidierastia*, uma relação de educação, que envolvia comprometimento sexual, entre um homem mais velho e experiente e um rapaz mais jovem: “básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o *erastes* (amante), por um jovem a quem chamavam *eromenos* (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Esse relacionamento era chamado pederastia (amor a meninos), e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do *erastes* ao *eromenos*” (Corino, 2006, p. 22).

No campo legal, a relação sexual com crianças tinha um histórico de ser



considerado um crime. A ideia da inimputabilidade infantil para relações poderia ser traçada desde o código de leis romano, no qual o período dos 7 aos 14 anos era chamado de *Pueritia* e o de 14 aos 25 anos de *Pubertia*. A *Pubertia*, quando plena, começava aos 14 para as meninas e aos 18 para os meninos. A relação de idade entre os meninos e as meninas era diferente, com as meninas atingindo as idades legais precocemente, devido aos deveres sociais, tais como arranjos de casamento e maternidade. Uma criança antes da *Pubertia* plena não poderia ter esses papéis sociais consumados (Taylor, 1772). A ideia de que crianças seriam incapazes para certas expressões da vida social continuou presente nos termos legais das sociedades europeias, inclusive no que dizia respeito à idade de poder consentir relações sexuais. A violação de menores de 14 anos era um crime antigo na legislação da época, correspondendo aos artigos 128 e 132 do código penal austríaco e aos artigos 174 e 176 do código penal alemão.

Dentro dos textos médicos e jurídicos, segundo as legislações vigentes, a relação sexual entre pessoas com considerável diferença de idade e com crianças era considerada como um desvio. Kaan (1884), por exemplo, se refere nas primeiras páginas de sua *Psychopathia, ao amor por crianças* (a relação sexual com crianças) e a *pederastia* (aqui com significado de relações homossexuais com meninos perto da puberdade e adolescentes, um crime para o código penal da época) como dois dos desvios mais perigosos do instinto sexual.

Esse aparecimento do amor mórbido por crianças em textos de médicos datava de alguns séculos antes dos autores pioneiros do estudo das perversões sexuais como Kaan. Um exemplo é o texto do século XVI de autoria do médico suíço Theodor Zwinger, o Velho, *Theatrum humanae vitae* (1565) que incluía uma longa lista das formas que a *Libidines nefandæ* (*libido nefasta*) poderia aparecer (Janssen, 2020). Nesse livro, Zwinger apresenta práticas que eram diversas do coito entre o par sexo oposto unido pelos laços matrimoniais que possibilitava a procriação. Zwinger criou uma lista eclética que incluía manifestações consideradas imorais, como *Adulteria, Incestus e Incestus religiosa* (relações sexuais entre membros do clero, tais como padres e freiras); práticas consideradas imorais e mórbidas como *Amor suiipsius, Libido Masculina e Libido cum mortis*, que viriam a ser denominadas como onanismo, homossexualidade e necrofilia nos séculos posteriores; e categorias direcionadas para objetos mais abstratos, ligadas e inspiradas por exemplos tirados de escritos de religiões e mitologias, como a *Libido dæmoniata* (paixão por demônios), *Libido cum meteoris* (paixão por nuvens) *Libido cum vegetabilibus* (paixão por árvores e plantas). Em comum, a maioria descrevia relações sexuais nas quais as condições de procriação supostamente ficariam mais escassas.

É nesse contexto histórico na literatura e no código penal que Krafft-Ebing trabalha com o conceito de *paedophilia* em dois momentos: nas considerações pré 1896 e pós 1896. Anteriormente à publicação do artigo sobre pedofilia, a *Psycho-*



pathia Sexualis menciona entre as *perversidades* em seu aspecto legal o crime de violação sexual crianças abaixo dos 14 anos. O crime de violação estava inserido como perversidade porque Krafft-Ebing separa as psicopatias sexuais nas noções de perversidades e perversões sexuais. As perversões sexuais (ou neuroses sexuais parestésicas) seriam as definidas como um estado mórbido de degeneração no qual o instinto sexual seria pervertido em sua finalidade. Esse quadro mórbido poderia levar à consumação de atos sexuais fora da naturalidade sexual. As perversidades sexuais por pessoas que não teriam em suas constituições degenerações tais como as perversões sexuais, apenas degenerações morais e de caráter, e que cometeriam atos sexuais fora da naturalidade do instinto sexual (Moll, 1891/1893).

Os atos sexuais fora da normalidade sexual, ou atos perversos, seriam os atos criminosos presentes nos códigos penais. Esse era um dos pontos principais da *Psychopathia Sexualis*: Krafft-Ebing acredita que as perversões em si não seriam criminosas para o código penal², apenas os atos perversos. Nas perversões sexuais os atos perversos seriam muitas vezes os meios para a satisfação do instinto sexual, então seriam, em certa medida, inevitáveis para o acometido pela enfermidade. Mas um homem sem traços de perversão sexual, poderia, por questões morais e de caráter, cometer qualquer ato perverso. Para os do segundo caso, Krafft-Ebing recomendava a prisão comum e as penas de acordo com a lei. Para os primeiros, o manicômio judicial.

O fator marcante nessas edições anteriores à nona e à décima edições da *Psychopathia* era que Krafft-Ebing ainda não considerava a pedofilia como uma perversão sexual. Ele falava sobre a perversidade da *violação de crianças*, na maior parte dos casos cometida por um grupo específico de degenerados morais, portanto, responsável pelos próprios atos, ou como resultado de atos de outros tipos de insanidades e questões cognitivas, tais como a idiotia ou imbecilidade³. Nenhuma consideração sobre mulheres agressoras estava presente.

O crime de violação de crianças consistiria em atos sexuais com pessoas menores de 14 anos de idade que não estariam compreendidos na legislação do estupro. Krafft-Ebing (1894) considera a violação de crianças um crime com alto grau de periculosidade. Para ele, esses atos de imoralidade só seriam possíveis –

² A provável exceção nessa afirmação sobre a teoria de Krafft-Ebing talvez fosse o sadismo, que envolveria invariavelmente atos violentos contra o objeto de amor. Mas ainda assim, um sádico poderia passar toda a vida sem consumir os atos desejados pela condição da perversão, ou consumir tais atos de maneira simbólica e consentida pelo parceiro sexual. Por isso, nesse estudo, acredita-se que a afirmação está alinhada com o pensamento do autor.

³ A imbecilidade junto com a idiotia e o cretinismo eram conceitos comuns no século XIX, subconjuntos do conceito superordenado que era frequentemente chamado estados de desenvolvimento interrompido (Blashfield, 2019). A idiotia era deficiência mental causada por desnutrição ou doença dos centros nervosos, ocorrendo antes do nascimento, ou antes da evolução das faculdades mentais na infância. Pelas leis penais europeias, pessoas com insanidade, idiotia e imbecilidade não poderiam sofrer nenhum tipo de punição penal devido à incapacidade dos mesmos de entender a gravidade do ato cometido e de participar da própria defesa (May, 2019).



quando não fossem casos em que o agressor tivesse algumas das “deficiências cognitivas” – a um homem completamente controlado pela luxúria, moralmente fraco e geralmente carente de energia para realizar o ato sexual de maneira natural. A violação de crianças seria um ato cometido quase que sempre por homens jovens sem confiança nas próprias habilidades sexuais para atrair uma mulher completamente desenvolvida, ou por homens mais velhos, já impotentes e sem meios de conseguir satisfazer ou atrair uma parceira sexual adulta.

Para Krafft-Ebing (1894, p. 403) seria completamente impossível que um homem de boa moral ou sem doenças psíquicas ou condições cognitivas prejudicadas pensasse em crianças como objetos de satisfação sexual. O médico recomenda sempre um cuidadoso exame da condição do criminoso para avaliar as razões do crime. Ainda assim, o autor afirma que, em vista de sua própria experiência médica e estudos: “desafortunadamente, é preciso admitir que esses crimes mais revoltantes são, em sua maioria, cometidos por homens sãos, que por motivos de estarem entediados com o ato sexual normal, lascívia e brutalidade, e não raro durante a intoxicação por substâncias, esquecem que são seres humanos” (Krafft-Ebing, 1894, p. 404).

Nas edições a partir de 1898, Krafft-Ebing introduz a *Paedophilia erotica* como uma perversão, inclui dentro dela os casos de abusadores com condições patológicas cognitivas e mantém a perversidade da violação de crianças para os outros casos.

Krafft-Ebing (1898) apresenta o abuso contra criança em duas categorias globais:

a) *Os casos não patológicos (crimes de violação inclusos)*

Atos vis de perversidade sexual contra crianças, cometidos por pessoas sem nenhuma das perversões sexuais, mas com sérios desvios de moral e de caráter, tais como:

(a) homens jovens que não teriam confiança em sua virilidade nem coragem suficiente para seduzir uma moça e satisfazer o coito de maneira normal. Seriam jovens que teriam o vício de praticar a masturbação e poderiam apresentar alguma neurastenia ou alguma condição irritável dos órgãos sexuais. Seriam os principais casos em que o estupro de fato seria cometido contra a criança. Aqui estariam incluídos também casos de outra perversidade, o incesto, devido ao número de relatos que Krafft-Ebing conseguiu juntar sobre irmãos que abusavam das crianças menores e pais e tios de suas filhas e sobrinhas.

(b) homens mais velhos, que por problemas na potência sexual não conseguiriam mais realizar plenamente o sexo com mulheres adultas. Nesses casos, seria comum que esses homens procurassem abusar de meninos, cometendo atos de pederastia. Haveria também os casos de homens mais velhos que simplesmente



seriam profundos degenerados morais e depois de ter passado uma vida de todos os tipos de excessos sexuais, procurariam novos divertimentos e abusariam das crianças.

(c) A nova categoria incluída por Krafft-Ebing, explicando que mulheres também seriam agressoras. Os casos identificados, na visão do autor, eram movidos por libertinagem e amoralidade e geralmente contra familiares mais jovens das mulheres ou crianças que lhes foram confiadas. Ao contrário da maioria da categoria dos homens, essas mulheres não teriam problemas para realizar o ato sexual de maneira natural, mas seriam sexualmente promíscuas. Poderia haver casos de insanidades entre as agressoras sexuais do sexo feminino, por isso era recomendado que o psiquiatra forense fizesse uma investigação criteriosa para alguma condição patológica física ou mental.

O médico aponta ainda que seria provável que agressores sexuais de crianças tivessem passado eles mesmos quando crianças por essas condições adversas, fato que contribuiria para deformar o senso moral e de discernimento sobre os próprios atos. Para Krafft-Ebing, porém, o médico não deveria se guiar sobre o contexto progresso e deveria recomendar a acusação com pena de prisão, levando em conta a monstruosidade inerente da própria perversidade, seus danos para as vítimas e em como a forma do ato criminoso seria diferente física e psiquicamente do ato sexual natural com parceiros adultos.

b) *Os casos patológicos*

Alguns casos patológicos de violação de crianças seriam cometidos por consequência de patologias mentais adquiridas, por exemplo, a demência senil e estados de debilidade psíquica causados por injúrias no cérebro e apoplexia. Depois viriam os casos das degenerações congênitas cognitivas nomeadas como idiotia e imbecilidade. Nesses casos a maioria dos abusos seria o estupro.

Nesse ponto do texto Krafft-Ebing (1901) afirma que além da perversidade “violação de menores” citada acima e de alguns dos casos de degenerações e transtornos psíquicos, existiriam ainda os casos em que o instinto sexual estaria pervertido, tomando como alvo sexual crianças, consistindo na perversão sexual da *paedophilia erótica*. Os *paedophilie* seriam os sujeitos acometidos por ela.

Krafft-Ebing afirmava até as últimas edições da *Psychopathia* que, em sua vida como médico clínico e perito, havia atendido e publicado quatro casos de *paedophilia erotica*. Todos homens. Além desses quatro casos, ele teria atendido e publicado mais três casos de colegas de profissão e ainda teria mais dois também atendidos por ele, mas que ele não pretendia publicar até o momento por ainda estar indefinido se se tratavam realmente de casos de *paedophilia*. Desses casos, o médico relata ter conseguido depreender que os indivíduos acometidos pela perversão teriam traços de degeneração mórbida inegáveis e que mesmo na presença



de capacidade física para o ato sexual, apenas atos lascivos com crianças seriam suficientes para satisfazer o instinto sexual.

Outra marca importante seria a de que para os *paedophilie*, ao contrário dos violadores de crianças, a atração por crianças consistiria no alvo único do instinto sexual, ficando a atração por adultos muito secundária ou completamente inexistente.

Quanto às recomendações dos casos patológicos de violação de crianças, Krafft-Ebing (1923) acredita que irresponsabilidade mental pela perversão sexual não deveria ser indicada pelo psiquiatra forense, mesmo nos casos de *paedophilia erotica*. Somente depois de uma criteriosa investigação da vida mental e condições sociais do indivíduo – incluindo histórico de abuso de substância, testemunhos sobre sua condição moral, sobre suas relações sexuais, sobre ter sido vítima de algum abuso na infância, entre outras – o psiquiatra poderia optar por indicar algum tipo de atenuante da sentença ou de relaxamento de condições na prisão para tratamento.

Por fim, Krafft-Ebing acredita que seria sim possível, através do tratamento psiquiátrico ou manicomial, alcançar uma espécie de cura para a *paedophilia erótica*, como dois casos publicados por ele teriam demonstrado (Krafft-Ebing, 1896, 1901). Essa cura seria na forma de estratégias psiquiátricas e medicações para controle dos impulsos pedófilos visando evitar a consumação dos atos criminosos contra crianças. Mas, mesmo com essa possibilidade, o médico deveria optar por algum tipo de condenação, pois: “de qualquer forma, esses seres infelizes devem sempre ser encarados como um perigo comum para o bem-estar da comunidade, e colocados sob vigilância estrita e tratamento médico” (Krafft-Ebing, 1901, p. 560).

A Pedofilia e as patologias gerais: Um tipo de fetichismo?

A partir de uma leitura das obras completas de Krafft-Ebing é possível argumentar se seria possível, na teoria do autor, um mesmo indivíduo ser acometido por mais de uma das patologias gerais. Tendo em mente que a própria *Psychopathia* era a tentativa do autor de fornecer um manual detalhado para fornecer diagnósticos precisos para os júris, a posição aqui defendida é a de que sua argumentação, apesar de em algumas edições ter permanecido ambíguo sobre essa questão, apontava que não. Em suas publicações não houve elaboração explícita sobre duas patologias sexuais gerais concorrendo em igual proporção na mesma pessoa e nem recomendação para que o médico jurista testemunhasse sobre essa possibilidade. Entende-se aqui que o autor usava a noção de elementos patológicos: uma patologia poderia apresentar manifestações clínicas de outras ou ter características fundamentais complementares, porém, apenas uma patologia geral



seria o diagnóstico (Simião & Simanke, 2021)⁴.

Acredita-se, nesse estudo, que algo muito parecido poderia também ser evocado para as patologias específicas. No texto de Krafft-Ebing não era incomum que uma patologia mais específica aparecesse como uma manifestação clínica, principalmente de consumação de ato perverso, dentro do quadro de uma patologia geral. Por anos esse foi o caso para a *Paedophilia erotica*.

Para o sadismo, Krafft-Ebing apresenta casos em que os alvos de agressões seriam crianças, como os da categoria de *Assassinatos por Luxúria (Lustmord)*, nos quais o sádico, incapaz de controlar seu furor sexual, mataria as vítimas durante os atos. Essa categoria do sadismo era muito abrangente e poderia envolver desde casos de humilhações com atos sexuais simbólicos até casos de canibalismo e necrofilia⁵, todas cometidas por homens heterossexuais. As crianças, por serem alvos mais frágeis para resistir, mais fáceis de serem atraídas para armadilhas, seriam vítimas constantes.

Na categoria de *sadismo contra outros sujeitos*, Krafft-Ebing (1898) apresenta os casos de sádicos que, em certas circunstâncias e ocasionalmente, satisfaziam o instinto em outros seres vivos que não o par do sexo oposto. Esses outros alvos do instinto seriam o tipo de constituições mais sensíveis que se poderia achar na sociedade: crianças e animais, pela facilidade de capturar esses tipos de vítimas. Raramente a consumação da penetração sexual estaria envolvida nessa categoria.

Em ambos os casos citados acima a perversão única do quadro era o sadismo. A pedofilia como perversão não fazia parte do diagnóstico clínico, apenas se manifestara no ato. O instinto sexual pervertido era satisfeito pela subjugação das vítimas e o fato de serem atos contra crianças era irrelevante e estaria mais ligado à oportunidade e facilidade para cometer o crime e a facilidade maior de manipular e coagir crianças a não denunciar.

Na inversão sexual (um dos termos usados na *Psychopathia* para designar

⁴ As perversões sadismo e masoquismo podem ilustrar essa afirmação. Krafft-Ebing as apresenta como complementares, de mesma raiz, mas com saídas diferentes, uma ativa, a outra, passiva. Mas, mesmo em casos de sintomas concorrentes entre as duas patologias, a perversão original seria a mais acentuada. Não havia ainda certeza científica da existência de sujeito sádico-masoquista em mesma proporção dentro da obra do autor, apenas de elementos e manifestações clínicas sadistas-masoquistas que não seriam fortes o suficiente para concorrer com o diagnóstico principal.

⁵ Termo cunhado por Joseph Guislain em 1852 para descrever a perversão sexual que tomaria como alvo sexual cadáveres. A necrofilia se enquadraria como uma perversão independente, pelo fato de que os necrófilos teriam o instinto sexual direcionado para o prazer com o cadáver em detrimento de um parceiro sexual vivo. Em alguns casos apresentados por Krafft-Ebing existia, de fato, uma relação sentimental com o cadáver, e os necrófilos escolhiam cadáveres como pessoas escolheriam parceiros sexuais, por exemplo, cadáveres de moças jovens e que eram consideradas por eles como belas. Mas Krafft-Ebing acreditava que na necrofilia existiria uma raiz sádica e que alguns casos poderiam ser relacionados ao sadismo, especialmente as mutilações de cadáver pós ato sexual nos quais o sádico estaria atraído em primeiro lugar pela humilhação e destruição do parceiro. O próprio ato sexual com um cadáver, para o autor, indicava a fantasia da completa humilhação, apagamento e subjugação do parceiro. Nesses quadros, o fato de ser um cadáver de adulto do sexo oposto, do mesmo sexo ou de uma criança seria indiferente. A motivação era a facilidade e condições oportunas para cometer o ato sem ser descoberto pelas autoridades (Krafft-Ebing, 1894).



a homossexualidade), não seria incomum que um invertido sexual fosse um pedófilo erótico e abusasse de crianças, mas seria extremamente raro, pois a inversão sexual como uma patologia sexual não teria tendências de pedofilia. Apenas em circunstâncias acidentais, como impotência sexual ou degenerações de caráter, um homem invertido sexual seria um perigo para crianças. O autor (Krafft-Ebing, 1898) separava as inúmeras categorias da inversão sexual em casos congênitos, nos quais o instinto sexual homossexual esteve presente durante toda a *vita sexualis* do indivíduo, e casos adquiridos, nos quais por circunstâncias diversas a pessoa até então heterossexual passaria a ter desejos e atos homossexuais. Algumas categorias dos casos congênitos, tais como os uranistas masculinos e ginandrias femininas (categorias da *Psychopathia* nas quais a homossexualidade era uma variação do instinto sexual, sem condições mórbidas ou degenerações mentais), tornariam virtualmente impossível a ocorrência de casos de pedofilia, pois os homossexuais seriam atraídos principalmente pelas características sexuais físicas desenvolvidas e presentes no mesmo sexo (tais como corpos musculosos, pênis, seios etc.). As crianças, fora do período da puberdade e com os corpos ainda indiferenciados, não teriam nenhum apelo sexual para homossexuais. .

No caso da inversão sexual adquirida, seria possível que casos de pedofilia ocorressem com mais frequência que nos casos congênitos, mas ainda associados a outros quadros além da perversão, principalmente nos casos de *reversão simples do instinto sexual*, categoria que abrigava os casos de homossexualidade com caráter mais oportunista, ou seja, em que os contextos externos e sociais teriam um papel maior para que houvesse um relacionamento sexual com pessoas do mesmo sexo (Krafft-Ebing, 1898).

A ocorrência principal que ligaria relações sexuais homossexuais e violação de crianças seria a *pederastia*. A pederastia envolveria o crime (para época) da sodomia, nomenclatura generalista que incluía os *abusos não naturais*, fazendo referência a relações fora do par sexo oposto que envolveriam penetração anal. Esse crime tinha em sua raiz conceitual a concretização da relação sexual anal, mas, no caso da pederastia, entre homens com diferenças consideráveis de idade, o que poderia facilitar que o mais jovem fosse menor de 14 anos ou que tivesse sido coagido e forçado a manter o ato sexual. É importante ressaltar que Krafft-Ebing mantém que os atos de pederastia poderiam ser cometidos tanto como consequência da inversão sexual como por homens mais velhos sem nenhuma perversão e em decadência sexual que encontravam em rapazes mais jovens um contexto de maior facilidade.

Sobre o masoquismo, a *Psychopathia Sexualis* não apresenta casos que ligariam atividades sexuais com crianças aos masoquistas. Sobre as outras psicopatias sexuais em mulheres e a pedofilia, nenhum outro grande avanço teórico foi demonstrado além de casos em que mulheres seriam *paedophilie*. Os casos em



que mulheres seriam agressoras de crianças na *Psychopathia* são quase que exclusivamente casos em que o autor aponta que perversidades sexuais estariam em questão, principalmente os casos já citados das cuidadoras e os casos de incesto, todos de natureza oportunista e em maioria de mulheres contra meninos ou rapazes jovens.

Krafft-Ebing cita mais alguns casos entre mulheres agredindo crianças (inclusive um caso de estupro contra uma menina que ele retirou da categoria do incesto e passou para pedofilia) com componente patológico de psicopatia sexual causada por anomalias do centro nervoso espinhal (sendo assim, que não consistia em uma perversão do instinto sexual tal como a inversão e o sadismo), denominada de ninfomania. A ninfomania, na época, se referia a mulheres com grande vontade sexual, suposto resultado de uma condição degenerativa de movimento desordenado das fibras uterinas femininas que muitas vezes surpreenderia meninas em idade de se casar ou mulheres casadas com homens de temperamento fraco (Bienville, 1771). Essas mulheres poderiam se tornar agressoras devido a não controlar os desejos sexuais, mas as agressões serem contra uma criança também era questão de oportunidade para cometer o crime e irrelevante para os critérios diagnósticos da patologia. Assim como ser uma criança do mesmo sexo.

Desde a primeira publicação sobre o tema, Krafft-Ebing ligou a pedofilia como um potencial fenômeno fetichista. No artigo de 1896, Krafft-Ebing apresenta casos de fetichistas de outras categorias que teriam se tornado *paedophilos* mais tarde na vida. Entre esses casos, está a categoria do fetichismo sexual, os *saqueadores de cabelo*, homens com fetiche por mechas de cabelo que tinham por costume cortar sem consentimento mechas de cabelo de mulheres, por meio de agressão ou de maneira furtiva, o que fazia do ato um crime previsto no código penal. O fetichista saqueador de cabelo raramente agredia sexualmente a vítima, a mulher era escolhida de maneira aleatória, o alvo era apenas a mecha de cabelo e o ato sexual mais praticado era a masturbação depois de tocar ou olhar para a mecha roubada. Meninas eram vítimas constantes desses crimes.

As razões para que a *paedophilia erótica* fosse colocada entre casos de fetichismo seriam diversas. A primeira, o componente de terem sido relatos de casos em homens que já seriam diagnosticados como fetichistas tivessem cometido um ato de pedofilia. A segunda, o momento em que a categoria de fetichismo anterior daria lugar à pedofilia também indicaria a relação entre o fetichismo e a pedofilia, pois a alteração sintomatológica seria por evento de associação psíquica não natural: em algum momento do quadro patológico uma associação não natural teria sido feita entre a excitação sexual e o objeto inadequado no caso, a mecha de cabelo e depois, entre a excitação pela mecha de cabelo e uma criança e por fim, o sexo com crianças. Esse *evento de associação* seria a definição do surgimento do fetichismo sexual, para Krafft-Ebing, a única de suas patologias gerais que admitiria apenas



casos adquiridos. Krafft-Ebing (1896) explica a categoria dos saqueadores de cabelo e dos saqueadores que passavam para o estágio de *paedophilie* da seguinte maneira: em algum momento da puberdade a condição mórbida e degenerativa do organismo teria ligado a excitação sexual exclusivamente à visão da mecha de cabelo. No caso da *Paedophilia* um mesmo acidente teria suplantado a mecha de cabelo para a ideia de uma criança (no caso meninas, pois o médico ainda não tinha casos de saqueadores de cabelos que seriam invertidos sexuais).

Em 1901, Krafft-Ebing assume abertamente a pedofilia como subtipo do fetichismo. Contudo ele nunca a acrescentou entre as categorias do fetichismo na *Psychopathia Sexualis*. A pedofilia, porém, continuou como uma perversão própria, mas de tendência fetichista, nas edições que os psiquiatras e amigos Albert Moll e Alfred Fuchs fizeram da obra do médico para serem lançadas depois de sua morte (Krafft-Ebing, 1923).

Breve nota histórica sobre os primeiros anos após a criação do termo

A repercussão nos primeiros anos após a última edição e a versão final da descrição da pedofilia da *Psychopathia Sexualis*, como nota Janssen (2018), foi limitada. Os primeiros manuais a citarem a pedofilia foram de psiquiatras vienenses, notadamente o manual de 1904 do psiquiatra Alexander Pilcz. Em seu manual Pilcz teria listado a perversão como definição para todos os tipos de abusos sexuais de crianças, cometidos por pessoas com perversão sexual ou sem: “Em estudos e livros sobre criminosos sexuais escritos entre 1905 e 1912, poucos mencionaram a pedofilia e aqueles que o fizeram, associaram-na ao sadismo” (Janssen, 2018, p. 66).

Iwan Bloch, um psiquiatra crítico do conceito de degeneração, teria contestado os diagnósticos de Krafft-Ebing sobre a existência de uma perversão como a *paedophilia* para além do que já havia sido relatado pela literatura médica até então, pois: “Bloch chamava os contatos sexuais de crianças e adultos de etnograficamente ‘onipresentes’ e (como Freud) identificava fatores situacionais, bem como autores oportunistas, incluindo funcionários e professores” (Janssen, 2018, p.67).

A ideia de crimes de oportunidade contra crianças era relativamente comum nas obras posteriores à *Psychopathia Sexualis*. Janssen (2018, p. 68) aponta que autores como Freud, William Stekel, Fuchs teriam relatado abusos contra crianças principalmente por parentes, padrões ou cuidadores, especialmente contra vítimas das classes mais pobres. As razões para os atos dadas pelos autores, além da degeneração moral, seriam uma variação de argumentos como vulnerabilidade das configurações sociais ou limites fluídos das configurações domésticas em especial entre as classes mais frágeis economicamente. Ainda assim, poucos desses autores



diagnosticavam, de fato, os agentes como perversos *paedophilie*.

Alguns autores também advogavam sobre certa naturalidade de alguma atração sexual entre grandes diferenças de idade. O estudo de Janssen (2018, p. 71) sobre o tema aponta para uma normalização ambígua por parte da comunidade médica da época sobre os limites das degenerações psiquiátricas, explicitadas nas citações do psiquiatra inglês Havelock Ellis, principalmente na sua afirmação 1913, sobre a cautela que os psiquiatras deveriam ter em considerar mórbidos todos os casos, mesmos os tingidos pela imoralidade, de homens mais velhos que encontrassem prazer no amor pelo vigor da juventude desde que esse prazer fosse estritamente contido e não fosse direcionado para crianças muito novas. E Stekel, que em 1922 teria caracterizado a *paedophilia* como uma dimensão peculiar da sexualidade, mas comum, tanto que ele mesmo teria encontrado vestígios de tendências *paedophilie* em quase todos os neuróticos (Janssen, 2018).

Em relação à teorização que Krafft-Ebing propôs sobre a relação entre a pedofilia e o fetichismo sexual, poucos autores posteriores teriam concordado com Krafft-Ebing sobre a pedofilia como um tipo de fetichismo.

A *paedophilia erotica*, nos anos seguintes da criação do termo, teve enfatizado o componente de ser pensada mais como uma variação do instinto sexual até certo ponto comum – desde que as crianças não fossem muito pequenas e distantes da adolescência – para o caso de homens heterossexuais e como uma variação de manifestação clínica da perversão da inversão sexual para homens pederastas: “até meados do século XX, a preferência erótica de idade derivou a maior parte de seus contornos científicos da literatura sobre homossexualidade - como uma dimensão desta última, ou (no caso disputado de pedofilia) um limite ou complicação rara dela” (Janssen, 2015).

Alguns autores derivavam essa ligação entre homossexualidade e pedofilia a partir da primeira ideia de pederastia da antiguidade clássica entre um homem mais velho e um rapaz jovens e a impressão de senso comum de que homens pederastas e homossexuais viris prefeririam meninos mais jovens para se relacionar e de que rapazes homossexuais mais jovens e inexperientes preferissem os homens mais velhos e mais estáveis na vida. Autores proeminentes como Max Dessoir e Schrenck-Notzing defendiam em suas obras esses tipos de visões, especialmente no caso de pederastas ativos (nesses contexto, homens, quase nunca homossexuais, que se relacionavam sexualmente com rapazes desde que assumindo exclusivamente um papel ativo no sexo), que preferiam meninos mais jovens pela forma física que ainda lembraria a das moças (Janssen, 2015; 2017).

Poucos autores nas primeiras décadas de criação do termo tentaram explicações ou atentaram para o fato de que a homossexualidade pouco tinha a ver com a pedofilia da maneira que o conceito foi pensado pelo autor da *Psychopathia Sexualis*. Krafft-Ebing (1894) contempla a forma patológica das preferências de



homossexuais por meninos mais jovens e suas implicações jurídicas – que envolviam casos entre homens homossexuais com muita diferença de idade – dentro da categoria dos *Abusos Não Naturais*, que nada tinham a ver com a patologia da pedofilia ou com a inversão sexual e era ligada à pederastia como um ato de perversidade sexual. Apenas algumas décadas mais tarde, autores como o sexologista Magnus Hirschfeld retomaram os questionamentos críticos sobre as ligações entre a homossexualidade e a *Paedophilia erotica*.

Conclusão

A criação do termo *Paedophilia erotica* representou uma movimentação teórica de certa maneira esperada dentro das elaborações de Krafft-Ebing, uma vez que o autor se propôs a estudar, a partir de uma longa tradição médica, sobre a sexualidade desviante.

A ideia de pedofilia surgiu alinhada com o contexto dos estudos sexuais até então. Nesse ponto é possível fazer uma interlocução entre a ideia da finalidade de procriação do instinto sexual desde sua concepção de um mandato da divindade para a ordem da Natureza. Uma vez que crianças não eram, sob condições biológicas naturais, capazes de procriar, qualquer noção de atividade sexual tinha que estar incluída nos desvios da finalidade natural do instinto sexual.

Para o caso mais específico da teoria das psicopatias sexuais de Krafft-Ebing, a pedofilia estava teoricamente alinhada com a ideia das potências do instinto sexual, em especial a *potentia generandi*. Crianças e idosos, na visão de Krafft-Ebing, estariam excluídos das faixas etárias da *potentia generandi*, sendo assim, a ideia do desvio da finalidade da procriação seria o pano de fundo e a pedofilia como fetichismo, ou seja, a fixação anormal do instinto sexual estaria justamente na anormalidade etária, por se concentrar em faixas etárias incapazes de procriar ou mesmo manter relações sexuais. Essa noção fica mais clara com a criação do termo *Gerontophilia*. O termo gerontofilia foi criado por Krafft-Ebing em 1901, no texto *Neue Studien auf dem Gebiete der Homosexualität*. Essa patologia, também um tipo de fetichismo, designava a atração não natural por pessoas idosas. A noção de fetichismo por idade (*Alter Fetichism*) fez com que Alfred Fuchs incluisse essa categoria na edição da *Psychopathia* de 1907. Como dito anteriormente, a pedofilia permaneceu separada.

Apesar do sucesso do livro bem documentado historicamente (Oosterhuis, 2002), as terminologias de Krafft-Ebing eram o principal ponto de críticas entre os psiquiatras da época, que discordavam principalmente da nomenclatura escolhida pelo autor para algumas das perversões (Krafft-Ebing, 1901, Schrenck-Notzing, 1895). Outros autores, como Iwan Bloch (1904/1909) apresentaram críticas mais elaboradas à teoria geral da sexualidade de Krafft-Ebing, por tomar como ponto de



centro o instinto sexual quando adoecido e pouco ter a dizer sobre as manifestações naturais do instinto sexual. Essas críticas se refletiram na forma como a *Paedophilia erotica* foi abordada por outros autores depois da criação do termo, tal como o fato de não conseguirem enxergar uma relação entre pedofilia e fetichismo.

É importante ressaltar mais uma vez que Krafft-Ebing não deu relevância à uma relação entre a pedofilia e a inversão sexual. Essa ênfase foi posterior. A partir da leitura das obras de referências e estudos como os de Janssen (2015, 2018) é possível inferir que a ideia da *paidierastia* grega e do crime de pederastia estivesse na raiz dessa ligação, sendo passada socialmente como uma suposta preferência de homens homossexuais mais velhos por rapazes mais jovens, da mesma maneira que a atração sexual por moças mais jovens seria comum ao homem heterossexual. Mas ao contrário do homem heterossexual, até aquele momento, para a comunidade médica, o homem homossexual teria uma condição mórbida e degenerada. Nesse contexto, existia a argumentação dentro dos termos biológicos da teoria da degeneração que, em casos mais graves da perversão, homens homossexuais (que previamente gostassem de se relacionar com rapazes mais jovens) cederiam aos impulsos mórbidos e se tornariam violadores de crianças.

É possível especular também que a dificuldade em limitar a idade para os termos “crianças” e “mais jovens” estivesse presente no caso da ligação entre homossexualidade e pedofilia. O crime de pederastia é constantemente referenciado por esses autores como contra meninos jovens ou adolescentes. Alguns autores de língua alemã – salvo o proeminente escritor Karl Ulrichs e o famoso sexólogo Magnus Hirschfeld, ambos homens homossexuais – não eram tão criteriosos em separar os termos *Knaben* (meninos, crianças do sexo masculino) e *Jünglingen* (rapazes jovens) (Janssen, 2018). Krafft-Ebing não parecia tão vago nesse sentido. Além de apresentar a pedofilia junto da violação de menores de 14 anos e ser claro sobre sua ideia de duração das potências do instinto sexual, ao se referir à *Paedophilia erotica* em 1896, ele usa o termo legal romano *pubertati próxima* para limitar a categoria, correspondendo à faixa etária acima dos 14 anos como o início da adolescência e fim do período da infância.

Além disso, as ligações entre a pedofilia e o fetichismo, e os relatos de casos marcaram, de maneira muito clara na *Psychopathia Sexualis*, um trabalho de Krafft-Ebing com a possibilidade de outra influência, ainda que da mesma perversão, que teria modificado totalmente o desenho de outro comportamento sexual pervertido original através de uma impressão mais profunda em um colorido emocional previamente degenerado.

Essa característica, para um livro que tinha por objetivo apresentar diagnósticos certos, distingue os estudos sobre a *Paedophilia erotica* entre as muitas perversões apresentadas na *Psychopathia Sexualis*.

Apesar de condenar a violação sexual infantil e alertar para os perigos da



vida social dos *paedophilie*, o tipo de teoria proposta por Krafft-Ebing – focada nas manifestações clínicas e na dimensão patológica – não teve espaço para uma discussão sobre as vítimas, nem para as implicações psicológicas e sociais das crianças afetadas pelos crimes. A *Psychopathia* também não se dedicava a discussões sobre manejo da terapia psiquiátrica ou da entrevista pericial desses casos. Essa é a regra para todas as outras perversões que ele apresenta.

Por fim, é possível pensar que esse nascimento de conceito focado na dimensão patológica e ligado a uma série de outros comportamentos considerados patológicos tenham tido reverberações históricas sobre a ideia contemporânea acerca das visões sociais das vítimas dos atos criminosos, uma vez que a teoria sexual de Krafft-Ebing, tão focada em categorizar sintomas, sem, como o próprio autor afirmava (1894) se debruçar sobre uma psicologia humana, raramente dava voz à psicologia das vítimas, à condução psiquiatra posterior com os vitimados e ao destino médico dos perversos sexuais. O papel coadjuvante de qualquer outro conceito teórico que não a sintomatologia era a marca principal da teoria sexual de Krafft-Ebing.

Ainda que a teoria de Krafft-Ebing tenha relevância histórica, conseguido os resultados práticos aos quais se propunha, auxiliando os médicos e juristas em sentenças mais adequadas e auxiliando na revogação de pesadas sentenças na cadeia comum para os homossexuais (Oosterhuis, 2002), a crítica de Iwan Bloch talvez seja a mais justificada da obra de Krafft-Ebing, o foco único na sexualidade desviante. Ao esmiuçar uma sexualidade patológica à exaustão é como se a própria *Psychopathia Sexualis* e suas inúmeras categorias funcionassem como a sexualidade estática em si mesma, que nada constrói e nada tem a dizer sobre o sexo e o ser humano para além da sintomatologia extrema apresentada no manual e dos assustadores casos das cortes na época.

A discussão sobre esses fatores e em como eles convergem nas noções psiquiátricas e sociais sobre a pedofilia – principalmente em relação às vítimas e a uma rede de apoio para elas – é extremamente relevante no contexto social atual. O presente artigo, portanto, não pretende esgotar o assunto, mas contribuir teoricamente, ao lançar um olhar sobre o “nascimento psiquiátrico” do termo, com estudos que se debruçam sobre o tema da pedofilia e suas implicações na sociedade e nas vítimas e para as possibilidades que questões sensíveis e atuais como essas abrem para os campos da psicologia, psiquiatria e saúde.

Referências

Anônimo (1756). *Onania: or the heinous sin of self-pollution and all its frightful consequences (in both sexes)*. H. Cooke. (Original publicado em 1716).



- Blashfield, R. K. (2019). *Pre-Kraepelin Names for Mental Disorders*. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 207(9), 726–730. <https://doi.org/10.1097/nmd.0000000000000938>
- Bloch, I. (1909). *The sexual life of our time in its relations to modern civilization*. (M. Eden Paul, Trad.). Louis Marcos. (Original publicado em 1904).
- Bienville, J. D. T. (1771). *La Nymphomanie*. Marc-Michel Rey.
- Corino, L. C. P. (2006). Homoerotismo na Grécia antiga — Homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, 19, 19-24. <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/249/63>
- Geyskens, T. (2005). *Our Original Scenes: Freud's Theory of Sexuality*. Lauven University Press.
- Hare, E. H. (1962). Masturbatory Insanity: The History of an Idea. *Journal of Mental Science*, 108(452), 1-25. <https://doi.org/10.1192/bjp.108.452.1>
- Häussler, J. (1826). *Ueber die Beziehungen des Sexualsystemes zur Psyche überhaupt und zum Cretinismus ins Besondere*. Carl Wilhelm Becker.
- Janssen, D. F. (2015) Chronophilia': Entries of erotic age preference into descriptive psychopathology. *Medical History*, 59(4), 575–98. <https://doi.org/10.1017%2Fmdh.2015.47>
- Janssen, D. F. (2018) Stepchild of Psychoanalysis: "Paedophilia in Early Psychodynamic Thought. *Psychoanalysis and History*, 20(1), 59–87. <https://www.eupublishing.com/doi/abs/10.3366/pah.2018.0246?journalCode=pah>
- Janssen, D. F. (2020). From Libidines nefandæ to sexual perversions. *History of Psychiatry*. 31(4), 421-139. <https://doi.org/10.1177%2F0957154X20937254>
- Kaan, H. (1844). *Psychopathia Sexualis*. Leopoldo Voss.
- Krafft-Ebing, R. (1886). *Psychopathia sexualis*. Enke.
- Krafft-Ebing, R. (1894). *Psychopathia sexualis, mit besonderer Berücksichtigung der conträren Sexual empfindung* (7ª ed.). Enke. (Original publicado em 1886).
- Krafft-Ebing, R. (1896). Ueber Unzucht mit Kindern und Pädophilie erotica. *Friedreich's Blätter für gerichtliche. Medizin und Sanitätspolizei*, 47(4), 261–83.
- Krafft-Ebing, R. (1898). *Psychopathia sexualis, mit besonderer Berücksichtigung*



- der conträren Sexualempfindung* (10^a ed.). Enke. (Original publicado em 1886).
- Krafft-Ebing, R. (1901). *Psychopathia sexualis, mit besonderer Berücksichtigung der conträren Sexualempfindung* (11^a ed.). Enke. (Original publicado em 1886).
- Krafft-Ebing, R. (1923). *Psychopathia sexualis, mit besonderer Berücksichtigung der conträren Sexualempfindung* (22^a ed.). Enke. (Original publicado em 1886).
- Lanteri-Laura, G. (1994). *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1979).
- Lütkehaus, L. (1992). 'O Wollust, o Hölle'. *Onanie. Stationen einer Inquisition*. Fischer.
- Maudsley, H. (1867). *The physiology and pathology of the mind*. Appleton.
- May, J. V. (2019). *Mental diseases: a public health problem*. Good Press.
- Moll, A. (1893). *Les perversions de l'instinct génital, étude sur l'inversion sexuelle basée sur des documents officiels* (Pacteur, Trad.). Jorges Carré Editeu. (Original publicado em 1891).
- Morel, B. A. (1857). *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et les causes qui produisent ces variétés malades*. Baillière.
- Oosterhuis, H. (2002). *Stepchildren of Nature*. The University of Chicago Press.
- Oosterhuis, H. (2012). Sexual modernity in the works of Richard von Krafft-Ebing and Albert Moll. *Medical History*, 56(2), 133-155. <https://doi.org/10.1017%2Fmdh.2011.30>
- Pereira, P. B. (1697). *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum, et lusitanum, digesta* (7^a ed.). Ex Typographia Academiae.
- Pereira, M. E. C. (2009). Krafft-Ebing, a *Psychopathia Sexualis* e a criação da noção médica de sadismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 379-386. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000200011>
- Sanday, P.R. (2015). Rape and Sexual Coercion. In J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (2^a ed.). <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.45009-9>



Schrenck-Notzing, A. (1895). *Therapeutic suggestion. Psychopathia sexualis: pathological manifestations of the sexual sense, with especial reference to contrary sexual instinct* (C. G. Chaddock, Trad.). The F.A Davis. CO, Publishers.

Simião, A. R. M. & Simanke, R. T. (2021). Extrato de estudo em História da Psiquiatria: o fetichismo na Psychopathia Sexualis de Richard Von Krafft-Ebing. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*, 24(1), 164-187. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n1p164.9>

Stolberg, M. (2000). Self-Pollution, moral reform, and the venereal trade: Notes on the source and historical context of Onania (1716). *Journal of History of Sexuality*, 9(1/2), 37-61. <http://www.jstor.org/stable/3704631>

Taylor, J. (1772). *A summary of the Roman Law*. T. Payne.

Tissot, A. D. S. (1769). *L'onanisme: dissertation sur les maladies produites par la masturbation*. M. Chapilo. (Original publicado em 1756).

Van Ussel, J. (1977). *Sexualunterdrückung* (2ª ed.). Focus (Original publicado em 1970).

Zwinger, T. (1565). *Theatrum humanae vitae* (Vol. 5). Frobel.

Nota sobre os autores:

Anna Rita Maciel Simião é doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anna_rmsimiao@yahoo.com.br

Richard Theisen Simanke é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: richardsimanke@uol.com.br

Data de submissão: 29.10.2021

Data de aceite: 07.03.2023